

IMERSÃO NA MATÉRIA

Tema de uma retrospectiva em cartaz no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), a artista têxtil gaúcha *Liciê Hunsche* se destacou pelo trabalho original e por *abraçar todas as etapas que envolviam a produção* de suas obras, da criação das ovelhas à execução da peça no tear, passando pelo tingimento e pela elaboração do fio de lã

TEXTO WINNIE BASTIAN FOTOS LETÍCIA REMIÃO



Acima, Liciê Hunsche enrola um novelo de lã em seu ateliê, em 2015. Na pág. anterior, diferentes matizes da lã naturalmente colorida, típica das ovelhas caracul

Paixão, dedicação e ousadia. Essa tríade de elementos norteou toda a atuação da gaúcha Liciê Hunsche (1924-2017), reconhecida entre os especialistas como um nome relevante no cenário da tapeçaria gaúcha. Nascida em Porto Alegre, a artista têxtil aproximou-se da tapeçaria de forma inesperada: seu primeiro contato com o tear aconteceu em 1971, quando, após a perda do filho Walter (então com 18 anos) num acidente de carro, buscou na arte um refúgio.

A responsável por sua iniciação foi a artista conterrânea Zoravia Bettiol, precursora, no Rio Grande do Sul, da Nova Tapeçaria – movimento que buscava a renovação dessa linguagem, abandonando a representação plana e tendo no volume um componente essencial. “Zoravia acabava de retornar da Polônia, país onde, nessa época, surgiram grandes artistas têxteis, e onde ela havia estudado com uma importante mestra, Maria Laszkiewicz. De volta, começou a dar

cursos e Liciê foi sua aluna”, revela a pesquisadora têxtil Carolina Grippa, curadora da exposição *Liciê Hunsche – Fios de Memória*, em cartaz no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), em Porto Alegre, até 30 de julho.

O interesse da artista pela tapeçaria coincidiu com uma ótima fase da arte têxtil no Brasil: após décadas sendo considerada uma expressão menor, enfim era encarada como gênero autônomo. Prova disso é o surgimento de eventos como a 1ª Mostra Brasileira de Tapeçaria (em 1974, no Museu de Arte Brasileira da FAAP) e as Trienais Brasileiras de Tapeçaria (em 1976, 1979 e 1981 no MAM-SP), além da criação do Centro Brasileiro de Tapeçaria Contemporânea em 1975, todos na capital paulista. O próprio MARGS manteve, entre 1979 e 1985, uma sala dedicada à exibição de manifestações têxteis e possui em seu acervo obras de vários nomes ligados à Nova Tapeçaria, como Jacques Douchez, Norberto Nicola, Zoravia Bettiol e Yeddo Titze.



Um dos ambientes do ateliê de Liciê Hunsche, projetado por José Zanini Caldas no final dos anos 1970; e, abaixo, a peça *Varição sobre Péta*, de 1978, tecelagem em tear manual com ráfia, lã e juta. Na pág. anterior, à esq., detalhe de um dos teares de Liciê; e, à dir., tapeçaria mostra a experimentação com diferentes fibras naturais: lã, sisal e palha

UMA ARTE FASCINANTE

Se para Liciê o tear começou como terapia, logo se transformaria em paixão, motivando um envolvimento profundo com a atividade, em diferentes aspectos. A arquiteta Julia Hunsche Weinschenck, sua neta, relembra os tempos de convivência intensa: “Minha avó sempre me impressionou. Eu adorava ir ao ateliê e ficar observando o trabalho dela. Sempre apaixonada, mostrava as coisas *[que estava fazendo]* com muito entusiasmo”.

O prazer pela atividade levaria Liciê a abraçar o ciclo completo de sua criação e fazer uma imersão na matéria-prima: sua busca pela lã perfeita fez com que a artista importasse ovelhas da raça caracul, originárias da Ásia, cuja lã é naturalmente colorida em tons que vão do branco-rosado ao preto-azulado, além de bege e marrom, entre outros matizes.

Nesse percurso impressionante, a artista criou centenas de ovelhas em suas fazendas nas cidades gaúchas de Bagé e Canela e, orientada pela Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), obtinha as cores desejadas por meio de cuidadosos acasalamentos. “Com a cruz dos cordeiros, surgiam ovelhas com novos tons surpreendentes e isso fascinou minha mãe”, conta Helga, a primogênita de suas três filhas. “Assim ela fechava o ciclo, desde o cuidado com o animal até a peça em si”, conclui Julia.

Ela também se dedicou ao tingimento natural da lã, com pigmentos extraídos de plantas nativas do Rio Grande do Sul. E buscava inspiração nas cores exuberantes das orquídeas, algo que a encantava: desde os 15 anos, mantinha um orquidário, encontrando nas combinações cromáticas dessas flores a sofisticação que tanto apreciava, como relata a designer Heloisa Crocco, sua amiga: “Liciê tinha um refinamento no colorir, uma coisa ímpar, muito linda. Ela obtinha tons espetaculares *[com o tingimento natural]*”.

O detalhismo fazia parte de seu processo, como testemunha a tecelã Leila Taborda, que trabalhou com a artista por mais de 40 anos: “Ela me ensinou que o tingimento tem a ver com vários fatores: a época em que aquela planta foi colhida, a água utilizada, o tipo de caldeirão... tudo faz diferença”.

Embora a lã fosse um elemento fundamental em sua produção, Liciê também empregava fibras como algodão, sisal e ráfia, e alguns fios sintéticos. Sua inquietude criativa e a experimentação constante contribuíram para que se destacasse como uma artista inovadora em seu tempo.

DEDICAÇÃO RECOMPENSADA

Com matérias-primas singulares em mão, Liciê criou obras bastante autorais. “Sua produção se caracteriza pelo emprego de poucas cores, o uso da lã e do sisal, principalmente, e há uma preferência pela geometrização das formas. Dedicando-se à técnica, a complexidade de suas criações foi

Embora a lã fosse um *elemento fundamental*, Liciê também empregava fibras como algodão, sisal e ráfia. Sua *inquietude criativa* e a *experimentação constante* contribuíram para que se destacasse como uma *artista inovadora* em seu tempo



aumentando, trazendo volume e texturas diferentes às suas tapeçarias”, observa Carolina Grippa. “Seu trabalho tinha originalidade e era muito cuidadoso – ela sempre foi muito dedicada e se preocupava em manter uma técnica bastante acurada”, completa a mestra Zoravia Bettiol.

A qualidade fez com que as obras de Liciê fossem selecionadas para vários eventos no Brasil e no exterior, entre eles, as já citadas 1ª Mostra Brasileira de Tapeçaria no MAB-FAAP, as três Trienais de Tapeçaria no MAM-SP (tendo recebido o Prêmio Destaque na segunda edição) e o 3º Salão de Artes Visuais de Porto Alegre, em 1975, no qual ganhou o Prêmio Aquisição; além de exposições na Argentina, Alemanha, Polônia e Estados Unidos. Também vale menção à mostra realizada no MARGS em 1981 com criações de Liciê e de Jacques Douchez, talvez o nome de maior destaque no cenário nacional da época.

Para além do próprio sucesso, Liciê ainda esteve envolvida com a difusão e valorização da tapeçaria em si e, por

consequência, do trabalho de seus colegas. Nos anos 1970, associou-se ao Centro Brasileiro da Tapeçaria Contemporânea e, em 1980, ajudou a fundar o Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea (CGTC), tendo sido sua primeira diretora. Além disso, seu ateliê foi “um espaço de encontro e referência para toda uma geração de artistas ligada aos têxteis”, afirma Carolina.

PENSAMENTO AVANT-GARDE

O ateliê, aliás, é um capítulo à parte, sintetizando com perfeição a paixão e dedicação de Liciê à sua obra e, sobretudo, a ousadia que a permeava. Com projeto assinado por ninguém menos que o autodidata baiano José Zanine Caldas (1919-2001), brasileiroíssimo em seu trabalho com a madeira na arquitetura e no design, a edificação se destaca entre as casas da Vila Conceição, bairro da zona sul porto-alegrense habitado principalmente por descendentes de alemães, como a própria família Hunsche.

No final da década de 1970, a artista decidiu que era hora de construir um local apropriado para a produção de suas peças e que contemplasse áreas para tingimento, cardagem e tecelagem. Segura de que Zanine era a melhor opção para o projeto, Liciê foi bater à porta do arquiteto no Rio de Janeiro, como lembra a filha Claudia: “Nos apresentamos e a conversa e amizade aconteceu. Simples assim”.

Concluída no início dos anos 1980 e vizinha à residência da artista, a construção com cerca de 400 m² tem um programa amplo, como observa Heloisa: “É um ateliê muito bem pensado, todo voltado para o interior, com bastante madeira. E contempla tudo: cozinha para tingimento, um departamento para hospedar auxiliares e até uma suíte que acomodava artistas”.

Liciê Hunsche vivia intensamente aquele espaço, dedicando-se a tecer e produzir suas peças desde as primeiras horas da manhã – mas a artista também abriu o local para receber ações sociais como Mão Gaúcha e Fios do Sul, reuniões do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea e exposições, além de hospedar artistas que vinham à cidade a convite do CGTC.

Hoje, o local abriga as obras e o acervo documental de Liciê. E a tecelã Leila Taborda continua ocupando o lugar e mantendo os teares ativos. Sobre o futuro? “Estamos num processo de possível tombamento, não queremos que o ateliê se modifique”, afirma Julia, que também fala acerca da realização de um livro sobre o trabalho da avó, ainda em processo de elaboração. “Queremos, de alguma maneira, perpetuar esse legado.” Que assim seja! ●



Algumas ovelhas da raça caracul criadas por Liciê – ela chegou a ter cerca de 800 animais em suas fazendas. Na pág. seguinte, detalhe de uma “cortina” elaborada com linhas diversas enroladas e encadeadas, usada para dividir ambientes do ateliê



“Sua produção se caracteriza pelo emprego de **poucas cores** e há uma preferência pela **geometrização das formas**. Dedicando-se à técnica, a complexidade de suas criações foi aumentando, trazendo **volume e texturas diferentes** às tapeçarias” CAROLINA GRIPPA